Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Oswaldo Cruz • Ano XX • Março / 2018

ASFOC-SN

Trabalhadores da Fiocruz em Luto contra a violência

Ilustração de capa: Mario Cesar

Na Luta Sempre!

Um país possível e necessário

Fotos Mario Cesar

Ao iniciar um novo mandato a diretoria da Asfoc-SN vem manifestar sua crença na capacidade do Brasil superar o atual momento de crise. Acreditamos que é possível construir um país mais justo e sintonizado com os valores da civilização e da dignidade humana. Acreditamos na possibilidade de construção de um projeto de desenvolvimento nacional inclusivo. Um projeto que tenha o bem-estar da sociedade como elemento central e orientador das demais políticas públicas. Um caminho responsável, socialmente justo e ambientalmente sustentável. Um projeto que, contrariando a ideia de Estado mínimo, advogue a existência de um Estado necessário que não fuja às suas atribuições precípuas de defensor da vida, de promotor da paz, da justiça e da cidadania. Um Estado laico garantidor da tolerância religiosa. Um Estado que, ao zelar pelo interesse da maioria da sociedade, não descuide dos direitos das minorias e dos vulneráveis. Um Estado soberano e democrático. Dotado de um serviço público de qualidade e à altura dos seus desafios e de suas atribuições.

Tal crença, entretanto, não nos turva a vista. Sabemos das difíceis questões a serem enfrentadas e dos muitos interesses em jogo. Que elementos são necessários mobilizar para garantir a autonomia nacional e a justiça social? Quais as alternativas à integração dependente? Como conciliar inserção externa, crescimento econômico e justiça social? É possível alcançar o bem-estar social sem crescimento econômico? São indagações que nos cobram respostas alicerçadas em conhecimento e no debate político orientado para o bem público. Sabemos que a competição internacional ao exigir a redução de custos de produção tende a transformar as relações de trabalho em relações análogas à escravidão. Sabemos também que os ganhos de produtividade proporcionados pelos avanços tecnológicos estão sendo apropriados pelas elites econômicas e, ao contrário de uma vida melhor para todos, estão gerando desemprego e miséria. O avanço neoliberal se dá em escala mundial, ameaçando seriamente direitos sociais e conquistas do Estado de bem-estar. Em seu caminho crises humanitárias e econômicas, disputas de mercados e choques culturais expressos na dramaticidade das guerras e das migrações forçadas de grandes contingentes em busca de segurança e um futuro melhor.

Não ignoramos que o projeto civilizatório encontrou na ideologia do mercado um forte opositor. De fato, ao invés de uma aldeia global ou uma sociedade que cultiva a solidariedade e os laços de pertencimento e igualdade de direitos, estamos nos transformando em uma sociedade moldada como um mercado universal. Não obstante as muitas crises derivadas do mercado, a onda neoliberal tem alcançado um relativo sucesso na propagação de uma ideologia que valoriza a crença cega na capacidade resolutiva desse mesmo mercado. Um ente considerado onisciente e acima de tudo e todos e para o qual se deve conceder liberdade completa de ação. Uma instância definidora do futuro de todos. Acima dos nacionalismos, das religiões e dos valores da civilização, da condição humana, da solidariedade e da democracia. Um mecanismo autônomo e naturalizado que selecionará os fortes e aniquilará os fracos, os doentes, os cansados, os loucos, os incapazes, os revoltados e todos os demais que não se adaptarem, incluindo os fortes que perderem para outros mais fortes. O mercado, na qualidade de organismo autônomo que tudo sabe e tudo controla, vem se transformando em uma forte ameaça aos regimes democráticos, atuando como o fiel da balança que decide quem merece viver ou sucumbir.

> *O mercado vem se transformando em uma forte ameaça aos regimes democráticos*

No plano interno, a crise econômica e política que atingiu o país tem se caracterizado pela rápida produção de graves retrocessos no que se refere aos direitos sociais, à soberania nacional e à capacidade do país competir no mercado internacional. Sob o pretexto de combater a corrupção, o grupo que tomou o poder pela via do impedimento da presidente eleita colocou em movimento uma agenda condizente com interesses de grandes grupos internacionais. A legislação trabalhista foi duramente atingida e a aposentadoria seriamente ameaçada. O pré-sal foi partilhado entre grandes conglomerados internacionais e a Embraer foi igualmente entregue. A matriz de energia elétrica está prestes a passar para as mãos de capital estrangeiro e a Amazônia encontra-se sob risco de internacionalização. Paralelamente, o processo de industrialização segue estagnado e a economia passa por um processo que os economistas chamam de reprimarização da pauta de exportações. Os juros da dívida pública avançam sobre os recursos públicos consumindo quase metade do orçamento nacional enquanto os investimentos em educação, saúde, ciência, tecnologia, infraestrutura e geração de empregos encontram-se congelados por 20 anos. Observa-se um verdadeiro sequestro do Estado.

No plano internacional, deixamos uma posição de destaque tanto na arbitragem de conflitos como na qualidade de liderança dos países do Terceiro Mundo e de postulantes a um assento no Conselho de Segurança da ONU para assumir uma posição subalterna. Abandonamos uma estratégia contra-hegemônica e de independência representada pela participação no BRICS em função de um deslocamento subserviente da política externa em direção aos interesses econômicos e geopolíticos dos EUA.

Fomos varridos por uma onda de intolerância, conservadorismo e violência de grandes proporções. A seletividade da justiça e a manipulação de informações promovida pela mídia não contribuíram para o aprimoramento das discussões sobre o diagnóstico e os rumos a serem seguidos pelo país. O debate ficou preso na esfera de discussão de propostas insanas, a exemplo do projeto "Escola Sem Partido", destinadas a destruir o senso crítico e capturar a atenção da opinião pública. Enquanto isso, a soberania nacional foi colocada à venda e o desemprego e a incerteza silenciosamente tomaram o lugar do otimismo e das conquistas obtidas com a Constituição de 1988 e dos avanços alcançados pela nossa jovem democracia nos anos seguintes.

O setor financeiro assumiu o rentismo como a sua principal fonte de reprodução e se afastou das propostas desenvolvimentistas de combate à crise, cobrando a redução e o redirecionamento dos gastos públicos. Defensores do ajuste recessivo, colocaram os investimentos na área social sob ataque, procurando retirar sua centralidade da elaboração e condução das políticas públicas. Nestas circunstâncias, a conta recaiu sobre a ampla maioria da população, beneficiando em contrapartida os interesses dos setores rentistas. Cabe, portanto, a todos nós cidadãos, lutar para reverter esse quadro e exigir que o Estado promova e garanta as condições para o pleno exercício da cidadania. Como servidores públicos, temos o compromisso ético, moral e legal de agir nesse sentido.

Os resultados do processo de globalização têm demonstrado a necessidade de enquadramento da saúde como uma parte inegociável do desenvolvimento. E, também, que a saúde pública é uma área de atenção estratégica essencial para o bem-estar das

populações, para a segurança dos países e para o bom desempenho da economia. Uma área cada vez mais dependente do desenvolvimento científico e tecnológico e de boas condições de educação. Um ramo de atividades cuja presença do Estado é fundamental e insubstituível. Um campo que precisa ficar sob o abrigo e monitoramento do Estado.

De fato, saúde, a ciência e a tecnologia se revelam como áreas fundamentais para a defesa, e provimento dos direitos sociais conquistados na Constituição de 1988, e na criação do Sistema Único de Saúde dela decorrente. Servidores e instituições destes setores estão, portanto, particularmente implicados na construção e na defesa da democracia e dos direitos da cidadania em nosso país. Os servidores da Fiocruz têm se posicionado firmemente a favor da autonomia cientifica e tecnológica do país, lembrando que os recursos colocados na área não são gastos, mas investimentos imprescindíveis ao progresso social e econômico almejado por aqueles que compreendem a necessidade de construção de um projeto nacional inclusivo e sustentável. Um projeto que tenha como foco o aprimoramento da qualidade de vida para todos. Uma cidadania de fato. Lembram também que sem investimentos em ciência e tecnologia a competitividade nacional fica duramente comprometida e que, portanto, o congelamento de recursos defendidos pelas políticas de austeridade, além do componente recessivo, abre espaço para o sucateamento da estrutura pública ligada à produção de conhecimento, tecnologia e industrialização, prejudicando fortemente o Sistema Único de Saúde e o setor produtivo nacional.

Nesta perspectiva, incluem-se ainda as iniciativas de construção de sistemas de gestão democrática, participativa e de qualidade para o serviço público. Estruturas de governaça que contemplem e ampliem o grau de controle social sobre as instituições do Estado e estimulem a cobrança de qualidade por parte da população destinatária dos seus serviços. Estruturas que promovam relações de trabalho mais justas, e que tenham como referência a finalidade de oferecer à sociedade serviços de qualidade, pautados nos ideais da transparência e da equidade.

Apesar dos baques sofridos, aprendemos muito. Está na hora de retomarmos o protagonismo da construção do país que queremos. Nesse sentido, nós da Asfoc-SN olhamos com bons olhos iniciativas como a das fundações ligadas aos partidos situados no campos progressista, democrático e desenvolvimentista de lançarem o Manifesto: Unidade para Reconstruir o Brasil. Um documento definido como um ponto de partida para balizar o debate nacional sobre os rumos a serem seguidos pelo país. Um debate que precisa ser urgentemente travado.

Presente em todas as regiões do país, a Fiocruz é uma instituição centenária com uma longa lista de bons serviços prestados à nação e que conta com amplo reconhecimento público. Uma instituição de Estado com uma história de formulação e protagosnismo que tem muito a contribuir para a construção de uma proposta de desenvolvimento calcada na valorização e proteção da dignidade humana. Ciente de seu papel na mobilização e na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, a Asfoc-SN está preparando uma série de cursos relacionados à conjuntura internacional e à realidade brasileira com a finalidade de contribuir para um debate bem informado e verdadeiramente plural. Nessa mesma direção, convidamos as trabalhadoras e trabalhadores da Fiocruz a participar em um esforço das intituições democráticas na construção de um projeto que interessa a todos nós e ao país.

No fechamento desta Edição, recebemos a notícia da execução da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes. Dor que mais uma vez nos atinge de modo brutal. Ainda em luto por nosso colega Matheus Melo, enfrentamos mais essa violência inominável. Numa emocionante manifestação, no dia seguinte ao assassinato de Marielle, os trabalhadores e estudantes da Fiocruz foram para a portaria da Avenida Brasil cobrar Justiça. Até o Castelo se vestiu de preto.

Foto: Mídia Ninja

Foto: Mídia Ninja

Estamos chocados, tristes e solidários às famílias e amigos das vítimas. Solidários com todos que vivem sob medo e a insegurança que se espalha pelo Rio de Janeiro e pelo restante do Brasil. Dias de tristeza, horror e luto. Dias que procuramos forças para nos manter vigilantes para exigir a apuração e a punição dos responsáveis por estes assassinatos frutos da barbárie que tenta implantar o terror em nosso país.

Tal quadro de insegurança e banalidade da morte, merece uma reflexão ainda mais profunda e abrangente. Os tiros que mataram Marielle tinham como alvo a democracia. A Asfoc, a exemplo do debate com a professora da UFF Jacqueline Muniz, está organizando para breve uma edição especial do jornal e um painel com diversos analistas tendo como foco a violência e as ameaças à democracia e à cidadania.

Por um país que queremos. Um país soberano. Um país possível, onde a morte violenta e covarde não mais vitime pessoas como Matheus, Marielle e Anderson. Um país que garanta condições de vida dignas, justiça e cidadania para todos. Não à barbárie! Não a injustiça! Não à exploração! Não ao obscurantismo!

EXPEDIENTE

DIRETORIA EXECUTIVA DA ASFOC - SINDICATO NACIONAL (E-mail: secretaria@asfoc.fiocruz.br) • Paulo Henrique Scrivano Garrido (Paulinho) - Presidente • Mychele Alves - Vice-Presidente • Alcimar Pereira Batista - Diretor de Administração e Finanças • Luciana Pereira Lindenmeyer - Diretora Secretária-Geral • Gutemberg Brito - Diretor de Comunicação • Claudia Stutz Zubieta - Diretor de Articulação Regional • João Carlos B. R. de Freitas (Profeta) - Diretor Social e de Cultura • Washington Luis Mourão Silva - Diretor de Legislação e Assuntos Jurídicos • Bruno Amorim de Souza- Diretor de Esportes **SUPLENTES** • Adilson da Hora Sampaio • Marcos Besserman • Carlos Fidelis Ponte • Sonia Pinho • Cláudia Maria Alexandre do Carmo **CONSELHO FISCAL** • Luciana Frederico Milagres • Sonali da Silva Mota • Jorge Santos da Hora • Lindenberg Lins dos Santos • Carlos Henrique Viana Brito
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO (Tel.: 21 2598-4231 Ramal 211 /E-mail: jornalismo@asfoc.fiocruz.br) **Gerência de Comunicação** • Jesuan Xavier (Jornalista responsável)
Equipe • Fernando Taylor e Alessandra Monteiro de Castro (Jornalistas), Mario Cesar e Jorge Vieira **Fotografia** • Jesuan Xavier • Fernando Taylor • Mario Cesar **Impressão** •Jorday Gráfica **Programacão Visual** • F.Tavares

CONTATOS ASFOC-SN

SEDE DA ASFOC-SN – AV.BRASIL, 4.365 - RJ - CEP 21040-360 **Secretaria** – 2598-4231 **Jornalismo** – 2598-4231 (R. 211) **Odontologia** – 2598-4333 **Jurídico** – 2598-4231 (R. 214) **Seguros** – 2598-4231 (R.218)
REPRESENTAÇÕES REGIONAIS DA ASFOC-SN: Pernambuco / CPq Aggeu Magalhães – (81) 2101-2533 **Minas Gerais – Belo Horizonte / CPq René Rachou** – (31) 3349 7710
Brasília - Distrito Federal – Fiocruz Brasília – (61) 3329 4612 **Bahia – Salvador / IGM Gonçalo Muniz** – (71) 3356 6853 **Amazonas – Manaus / CPq Leônidas e Maria Deane** – (92) 3621-2397
Paraná - Instituto Carlos Chagas – (41) 3316 3225 **Ceará** – (85) 3215 6450 **Mato Grosso do Sul** – (67) 3346 4480 **Rondônia** – (69) 3219 6000

Trabalhadores "enterram" Reforma da Previdência sob fantasma da intervenção militar

Num Ato simbólico e de muita repercussão, em 20 de fevereiro, diversas entidades representativas dos trabalhadores, inclusive a Asfoc-SN, "sepultaram" finalmente a Reforma da Previdência. A manifestação, que contou com caixão, cortejo fúnebre, lápide e até um vampiro representando o atual presidente da República, aconteceu em Brasília, em frente ao Congresso Nacional.

Foto: Apoena Farias

Foto: Apoena Farias

"A Reforma da Previdência era uma prioridade desse governo e hoje, graças à pressão do movimento, foi colocada de lado. Temos a consciência de que foi uma vitória parcial, já que o tema ainda pode retornar à pauta, mas estaremos atentos e mobilizados para combater novamente se for preciso. Neste momento, a Asfoc se mantém na luta pela revogação da Reforma Trabalhista e da Emenda Constitucional 95, que congela gastos para Saúde e Educação. Mas é um dia para celebrarmos sim. Temos que reconhecer as iniciativas do Fonasefe e Fonacate, assim como da Pública. Aqui, em nome dos trabalhadores da Fiocruz, saúdo os companheiros e dou um viva aos serviços públicos de qualidade!", declarou o presidente da Asfoc-SN, Paulo Garrido, do alto do carro de som da manifestação, na porta da Câmara dos Deputados.

Na véspera, o governo, depois de enfrentar mais um dia de grandes manifestações, nas ruas e nos aeroportos de todo o país, anunciou oficialmente que iria suspender a tramitação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 287/2016, que alteraria de forma significativa as regras atuais de aposentadoria, penalizando ainda mais a classe trabalhadora. - na mesma ocasião, também oficializou a intervenção militar no Rio de Janeiro (veja Editorial).

Naquele momento, chegava ao fim uma batalha de 14 meses. Desde que foi apresentada ao Congresso Nacional, em 5 de dezembro de 2016, a PEC foi fortemente combatida pelos trabalhadores. A Asfoc-SN deu início a uma série de ações para debater, mobilizar e contra-atacar as teses do governo. Especialistas foram convidados para falar com os trabalhadores da Fiocruz, desmistificando as inúmeras falácias propagadas pela equipe econômica de Temer.

Foto: Mario Cesar

Houve convocações para atos no Rio, nos Estados e em Brasília, e também greves gerais e paralisações aprovadas em assembleia. Durante toda a luta pela suspensão da PEC, a Asfoc participou de diversas ações externas. Dentre elas, da criação da frente "Rio Contra a Reforma da Previdência", que convocou e pressionou parlamentares fluminenses a apoiar o movimento unificado, e da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Previdência, que trabalhou contra a Reforma no Congresso Nacional.

Para sacramentar a suspensão da Reforma da Previdência, pelo menos temporariamente, os representantes de diversas entidades dos servidores públicos tiveram uma audiência na Presidência do Senado, no dia 27 de fevereiro. No encontro, o presidente da Casa, Eunício Oliveira, garantiu que nenhuma PEC tramitará enquanto houver a intervenção no Rio de Janeiro. "A pauta da Previdência ficará para o debate dos presidenciáveis (que irão concorrer às eleições no fim do ano)".

O senador Paulo Paim (PT/RS), coordenador da Frente Parlamentar em Defesa da Previdência, comemorou. "Vencemos uma batalha, mas a luta continua. Vamos entregar o relatório da CPI, a qual eu presidi, para todos os candidatos. A CPI comprovou que essa reforma é totalmente desnecessária. O que precisa é combater a sonegação e a corrupção, além de melhorar a administração e a fiscalização", destacou Paim.

Foto: Alessandra Castro

Campanha salarial 2018 e luta pela revogação da EC 95

Os fóruns das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos (Fonasefe) e Permanente de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate) se reuniram no início de março (02/03) com o Ministério do Planejamento para discutir a pauta da Campanha Salarial Unificada 2018 – veja a íntegra do documento em www.asfoc.fiocruz.br

No encontro, com a participação da Asfoc-SN, os representantes sindicais cobraram também o cumprimento na íntegra dos acordos firmados em 2015 e a revogação da Emenda Constitucional 95/16, que congela investimentos nas áreas da Saúde e Educação por 20 anos.

Na reunião, o secretário de Gestão de Pessoas do Planejamento, Augusto Akira Chiba, reconheceu que seria justo estender às categorias que assinaram o acordo por 2 anos (caso da Asfoc/Fiocruz) os mesmos patamares aplicados àquelas que fecharam por 4 anos. Segundo ele, o governo vai estudar como equacionar esse problema. "Realmente é um problema não estender a 90% dos servidores que assinaram por 2 anos os patamares daqueles que assinaram por 4. Seria justo, mas temos pouco espaço para isso. O melhor é que fosse no ano que vem, mas vamos estudar".

Foto: Jesuan Xavier

Akira também concordou que o valor da per capita do Plano de Saúde dos servidores está baixo e disse que vai tentar viabilizar um per capita melhor.

No entanto, em relação ao índice apresentado pelos Fonasefe e Fonacate, o secretário não reconheceu que houve perdas nos últimos anos e se mostrou "impressionado" com os ganhos de algumas categorias.

Akira também concordou com as críticas dos representantes sindicais sobre a campanha do governo pela aprovação da Reforma da Previdência. Para ele, o marqueteiro errou ao "atacar os servidores". No final da reunião, os representantes cobraram uma data de retorno. Akira se comprometeu a recebê-los novamente no dia 10 de abril.

RRA

Na primeira reunião este ano com o governo para tratar da pauta específica da Fiocruz, na quarta-feira passada (14/03), a direção da Asfoc-SN repudiou a incapacidade do Ministério do Planejamento em implementar, até o momento, a regulamentação do Reconhecimento de Resultado de Aprendizagem (RRA).

O presidente do Sindicato, Paulo Garrido, argumentou que o RRA faz parte do acordo assinado em 2015. "A lógica do RRA foi amplamente debatida e consensuada. O governo sequer teve competência para apresentar uma proposta até agora".

O diretor de Relações de Trabalho do Planejamento, Paulo Campolino, admitiu que esse assunto já está há muito tempo na Casa, mas, argumentou que agora é uma nova equipe à frente das discussões e que o governo apenas autorizou o reinício das conversas.

A partir daí, os diretores do Sindicato, de diversas áreas e Unidades da Fiocruz, passaram a exemplificar as especificidades internas. Estiveram na reunião, Luciana Lindenmeyer (secretária-Geral), Washington Mourão (Legislação e Assuntos Jurídico), Cláudia Alexandre e Adilson Sampaio.

Campolino se sensibilizou com os argumentos e, diante do impasse, aceitou retornar à Mesa com a Asfoc no dia 5 de abril. "Antes, vamos conversar com a equipe técnica sobre as possibilidades e também marcar uma nova reunião com a direção da Fiocruz".

Pela Presidência da Fiocruz estiveram presentes: o vice Mario Santos Moreira e o diretor da Cogepe, Juliano de Carvalho Lima.

FIOSAÚDE

Seguindo decisão da Assembleia dos trabalhadores e conforme discutido e detalhado em reunião do Grupão no dia 21 de fevereiro, a Asfoc-SN entrou com ação na justiça solicitando a suspensão imediata do reajuste do FioSaúde "até que sejam realizados cálculos atuariais que demonstrem o impacto das possibilidades de redução de custos aventadas pela requerida, com a consequente convocação de nova assembleia".

A ação se justifica pela cláusula geral de boa-fé, que determina a "necessidade de proceder aos estudos que impliquem possível redução de custo sempre anteriormente à proposta de nova precificação".

Luta contra a retirada de direitos e o machismo

Rede Sindical Internacional em defesa de pesquisador da Fiocruz e dos hospitais universitários

Duas moções da Asfoc-SN foram aprovadas pelos participantes do 3º Encontro da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e de Lutas, realizado entre os dias 25 e 28 de janeiro, em Madri, na Espanha. Uma contra a perseguição ao pesquisador da Fiocruz Fernando Carneiro no exercício de sua atividade de pesquisa na investigação sobre impactos dos agrotóxicos e outra de solidariedade aos hospitais universitários da Uerj e UFRJ - que tiveram cancelados seus concursos para residência médica.

Representado pelos diretores Alcimar Pereira Batista (Administração e Finanças) e Luciana Lindenmeyer (Secretaria Geral), o Sindicato participou de forma ativa dos quatro dias de intensas discussões. A resolução final do evento apontou metas específicas e compromissos partilhados pelos diversos países participantes da Rede Sindical Internacional. Participação na Jornada de Lutas Sindical Internacional em 1º de Maio e nas manifestações para denunciar o sistema econômico e político explorador de trabalhadores em 24 de abril.

No dia 8 de março, foi realizada a Jornada Internacional de Lutas das Mulheres, com apoio à greve do gênero em várias partes do mundo. Este último tema, prioridade do 3º Encontro. "Como a opressão contra as mulheres afeta toda a humanidade, devemos lutar contra ela e o machismo, sem demagogia", informa o texto da declaração final da Rede Internacional. A luta das mulheres teve, inclusive, resoluções totalmente convergentes com as diretrizes da tese 11 do Congresso Interno da Fiocruz: lutar pela igualdade entre homens e mulheres, contra o assédio, o racismo e o machismo.

"Lutamos pela igualdade de direitos entre homens e mulheres como forma de mudança deste modelo que oprime e mata, principalmente, mulheres. O feminicídio no Brasil está com índices extremamente altos e assustadores", alertou Luciana Lindenmeyer.

Em análise de conjuntura, a diretora listou uma série de propostas para unir as entidades sindicais dos diversos países: luta contra qualquer reforma que retire direitos dos trabalhadores (em especial as reformas da Previdência e Trabalhista), qualquer perseguição no trabalho e na criminalização das lutas; contra o racismo e o machismo que assolam os países e matam pessoas; e movimentos internacionais em ações de combatividade no ano; e por uma educação e saúde públicas como direitos humanos.

Os mais de 80 países que compõem a Rede apresentaram suas realidades e mostraram uma conjuntura muito parecida, respeitadas as especificidades de cada país e continente. A defesa dos serviços públicos para melhoria das condições de vida das populações dos diversos países foi uma tônica.

A Asfoc-SN compôs o Grupo de Trabalho (GT) da Saúde, que redigiu documento defendendo a área como direito humano universal a ser preservado. A diretora Luciana Lindenmeyer fez parte da comissão que contribuiu na redação do documento de princípios do grupo - que deve se formar a partir deste Encontro para traçar estratégias conjuntas de defesa da Saúde. Uma campanha internacional já está sendo preparada para o dia 7 de abril.

O diretor de Administração e Finanças do Sindicato, Alcimar Pereira Batista, participou do GT sobre funcionalismo público, que redigiu um documento com várias bandeiras já levantadas pela Asfoc-SN, como a luta contra a Reforma da Previdência e a precarização dos serviços públicos que servem toda a população.

Temas de destaque também foram a união dos esforços contra a destruição dos serviços públicos, o questionamento dos direitos sociais, os ataques aos direitos e o não respeito às liberdades sindicais, além do avanço da precariedade e do desemprego para pressionar as populações. Tudo isso atrelado aos diversos modelos de sociedade que privilegiam um pequeno grupo em detrimento das maiorias dos povos de diversos países.

A Rede Internacional segue com o compromisso de construir e fortalecer a unidade internacional dos trabalhadores para lutar contra a criminalização dos movimentos sociais, os planos de ajustes, as reformas, as privatizações e todas as formas de opressão e exploração.

Os participantes do Encontro também aprovaram nota de repúdio contra a perseguição ao pesquisador da Fiocruz Fernando Carneiro e manifesto em apoio aos hospitais universitários. Veja o teor na íntegra em www.asfoc.fiocruz.br

Asfoc-SN realizará em abril 3º Fórum das Regionais

A Asfoc-SN vai realizar mais um importante debate sobre o atual momento político brasileiro durante o 3º Fórum das Regionais, nos dias 3 e 4 de abril, em Recife. Entre os principais temas do encontro estão a mobilização dos trabalhadores contra os retrocessos, a Campanha Salarial Unificada dos servidores públicos federais, análise de conjuntura e estratégias de comunicação.

As demandas dos coordenadores regionais relacionadas às condições dos servidores públicos e ao desmonte do Estado pelo governo ilegítimo de Michel Temer foram encaminhadas durante Reunião Ampliada dos fóruns das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (Fonasefe) e Nacional Permanente de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate), nos dias 3 e 4 de fevereiro, em Brasília.

A definição de datas para mobilizações relacionadas à Reforma da Previdência (suspensa pelo governo durante paralisação na Fiocruz, em 19 de fevereiro), a organização do movimento "Fora, Barros! Por um ministro da Saúde comprometido com o SUS" e a luta pela Campanha Salarial Unificada foram as questões com maior repercussão da Reunião Ampliada.

Além disso, também foram pautados outros pontos da pauta específica dos trabalhadores da Fiocruz: elaboração de um seminário sobre a crise de autogestão de planos de saúde e demanda para que o governo arque com 50% destes custos - o que já é feito com servidores das estatais.

No fim de semana, os coordenadores regionais participaram ativamente do encontro e trouxeram questões para debate. Fabiola Lopes Caetano Machado, coordenadora Geral de Minas Gerais, considerou a troca de experiências com as outras regionais muito importante. "Achei muito interessante entender melhor os movimentos sociais. Participei pela primeira vez e gostei muito de trocar ideias com as outras unidades da Fiocruz. Foi muito positivo", frisou.

Rafael de Souza Petersen, representante do Amazonas, também considerou a experiência singular. "A participação da Asfoc é muito importante. Aprendi mais sobre a situação do servidor público. Saímos daqui confiantes nas mobilizações, mas também preocupados por

Foto: Mario Cesar

termos muito o que lutar. Convido todos a participarem mais das ações sindicais", afirmou.

Carlos Fabrício Marques, também de Manaus, reforçou o pedido de seu colega por uma participação ainda mais ativa de todos no Sindicato. "Neste fórum aprendemos muito e temos que nos posicionar politicamente".

O coordenador Geral de Brasília, Clodoaldo Rodrigues Pinheiro, ressaltou a importância social da Reunião Ampliada. "Precisamos estar aqui, diante da situação do país, para lutar por melhorias para todos".

Leonardo Vila Nova Câmara, representante do Paraná, considerou bastante produtivo o encontro. "A reunião foi muito engrandecedora. Aprendemos muito".

Coordenador de Administração e Finanças de Curitiba, Renato Caldeira de Souza, afirmou que o viés do Sindicato não é apenas político. "É uma construção coletiva, com foco em atingir os objetivos dos trabalhadores, como a campanha salarial e por uma sociedade mais justa".

Joselice da Silva Pinto, coordenadora Geral de Pernambuco, ressaltou a importância do evento. "Foram muitas informações importantes e já estou pensando como vou levar todo o conteúdo para debater na minha Unidade".

Também de Recife, Silvia Bezerra considerou fundamental o debate de questões em comum entre trabalhadores da Fiocruz e de outras entidades. "Foi muito interessante essa aproximação com as questões dos servidores públicos federais".

Foto: Mario Cesar

CIÊNCIA E TECNOLOGIA: SOBERANIA EM QUESTÃO

Nos últimos anos, e principalmente a partir do momento em que o presidente ilegítimo Michel Temer assume o poder, a área de pesquisa, produção de conhecimento e ensino tem sido colocada de lado. Universidades e Instituições Públicas estão sendo deliberadamente sucateadas e o orçamento para Ciência e Tecnologia sofre constantes cortes.

Em 22 de junho do ano passado, a Asfoc-SN apoiou o lançamento oficial da Campanha "Conhecimento sem Cortes". Dois meses antes, houve a Marcha Mundial pela Ciência para alertar e defender a sobrevivência do setor no país, afetada profundamente pela crise política e econômica. O Sindicato esteve presente.

Na ocasião, os manifestantes denunciaram que o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações teve sua verba reduzida em 44% - de R$ 5 bilhões para R$ 2,8 bilhões.

Desde então, os trabalhadores da Fiocruz estiveram em todas as frentes de denúncias contra os cortes na área de C&T. Atos nas ruas (Rio e São Paulo), e audiências na Alerj e no Congresso Nacional.

É comum em parte da nossa elite a defesa da iniciativa privada como a única capaz de gerar o desenvolvimento científico e tecnológico almejado pelo país. Sob o argumento que esta é a prática nas economias mais pujantes do mundo, a linha de pensamento dominante exige dos produtores públicos capacidade de competir com grandes grupos já estabelecidos.

Entretanto, um olhar mais abrangente e menos comprometido indica que no primeiro mundo, o desenvolvimento científico e tecnológico não prescinde de forte participação direta ou indireta do Estado. Produção estatal, financiamento, compras, subsídios, legislação, acordos internacionais, protecionismo e pressão em fóruns internacionais são largamente empregados pelas potências mundiais na promoção e na defesa de suas indústrias e de seus parques científicos e tecnológicos. Se esta participação se mostra fundamental nas potencias industrializadas, o que dizer de tal necessidade nos países de industrialização tardia? Tanto em um caso como em outro a participação do Estado não pode ser descartada sob pena de expor o esforço local à voracidade da concorrência externa de empresas que, além de extremamente vigorosas, são apoiadas, mesmo que de forma enviesada, por seus respectivos governos.

Em nosso caso, as indústrias nacionais ou as estrangeiras aqui instaladas não vão muito além de produzir bens licenciados concebidos pelas áreas de pesquisa, desenvolvimento e inovação de grupos estrangeiros. Não obstante alguns casos de sucesso como a Embrapa, ainda é bastante reduzida, entre nós, a cooperação efetiva entre o mundo empresarial e o mundo acadêmico. Por outro lado, como boa parte das empresas trabalha com produtos projetados e desenvolvidos fora do país, são raros, e ainda muito incipientes, os setores de P&D no parque industrial brasileiro. Em consequência também é incipiente a agregação de valor aqui realizada. Constata-se também que não há como a iniciativa privada arcar sozinha com os riscos de um empreendimento nacional que não passe pelo circuito do licenciamento.

A falta de investimento estatal e a concorrência com grandes grupos empresariais têm dificultado a alavancagem de processos de industrialização

Nessas circunstâncias, sem a participação do Estado, a pesquisa cientifica não encontra no país um mercado preparado para absorver o conhecimento por ela produzido não lhe restando outro caminho que não a formação de quadros e a produção de artigos muitas vezes aproveitados somente pelos grandes conglomerados estrangeiros. A instituição científica perde assim, uma grande fonte de recursos financeiros e boa parte da retroalimentação possibilitada pelas etapas de desenvolvimento, produção e uso do produto. Produto concebido a partir da pesquisa por ela realizada. Gradativamente, esvazia-se o seu papel social e as suas possibilidades de contribuir para o desenvolvimento tecnológico e a formação de um mercado interno forte. Gradualmente a instituição perde prestigio e a sua razão de existir. Consolida-se então uma total dependência científica e tecnológica, reduzindo drasticamente a competitividade nacional e comprometendo gravemente o futuro do país.

Nesse território, a adoção de políticas que articulem o atendimento das demandas sociais ao desenvolvimento científico e tecnológico tem um importante papel a desempenhar. Um bom exemplo de integração virtuosa entre as esferas mencionadas pode ser observado no complexo industrial e econômico da saúde. Estamos falando de um setor estratégico que congrega elevado grau de significação social; geração de empregos; dinamismo econômico; conhecimentos de ponta e alta tecnologia com capacidade de repercussão positiva em inúmeros campos de atividades para além da órbita da saúde. Estamos nos referindo também, a um imenso mercado representado pelo Sistema Único de Saúde, em que o poder de compra do Estado pode ser mobilizado para ampliar a transferência de tecnologias, incentivar a industrialização nacional e promover outros setores ligados ao fornecimento de matérias primas e insumos, bem como ao provimento de serviços.

A falta de investimento estatal e a concorrência com grandes grupos empresariais têm dificultado a alavancagem de processos de industrialização voltados para a produção de insumos e defensivos na área da saúde, bem como inviabilizado iniciativas importantes destinadas a promover o acesso a medicamentos, vacinas e outros itens cruciais à manutenção e promoção da saúde das populações. É preciso, portanto, lembrar atribuições precípuas do Estado: a defesa da sociedade e da soberania nacional. É preciso afirmar a melhoria das condições de vida das populações como diretriz e objetivo final do desenvolvimento. É preciso que desenvolvimento econômico caminhe junto do desenvolvimento humano.

A Asfoc carrega a bandeira a favor da autonomia cientifica e tecnológica do país, da soberania nacional e da cidadania plena. Os recursos alocados nas áreas de saúde, educação, ciência, tecnologia e inovação não são gastos, mas, sim, investimentos imprescindíveis ao progresso social e econômico e à construção de um projeto nacional inclusivo e sustentável. Sem investimentos em ciência, tecnologia e inovação a competitividade nacional fica duramente comprometida. O congelamento de recursos defendidos pelas políticas de austeridade, além do componente recessivo, abre espaço para o sucateamento da estrutura pública ligada à produção de conhecimento, tecnologia e industrialização, prejudicando fortemente o Sistema Único de Saúde e o setor produtivo nacional.

Para entendermos melhor o que está em jogo e a atual situação dos estudos de ponta, a Asfoc ouviu renomados pesquisadores da Fiocruz: Carlos Gadelha, doutor em Economia pela UFRJ, professor e pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca(DAPS/ENSP/FIOCRUZ); Carlos Morel, ex-presidente da Fiocruz, coordenador do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS) e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, médico e doutor em ciências (Biofísica / Biologia Molecular) pela UFRJ; Akira Homma, eleito uma das figuras mais importantes na indústria das vacinas no mundo, doutor em Ciências pelo Departamento de Medicina Preventiva, na Faculdade de Medicina da USP, também foi presidente da Fiocruz; e Garibaldi Gurgel, PhD em Políticas Públicas e Serviços Sociais pela Universidade de Manchester-Reino Unido, médico e pesquisador no Departamento de Saúde Coletiva/NESC do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/CPqAM.

Mais que um balanço, fica um alerta. A soberania nacional está em risco!

ASFOC • Como o Sr vê o papel da Ciência e Tecnologia na construção de um projeto para o país?

CARLOS GADELHA • A Ciência e Tecnologia tem um papel essencial na soberania de uma nação. Sem ter uma base de ciência e tecnologia forte, nosso próprio SUS, nossos sistemas universais, não terão condições de serem implementados. Quem não tem conhecimento não pode determinar os próprios rumos do seu desenvolvimento.

De fato, hoje em dia, se olharmos a atividade de ciência, tecnologia e inovação está fortemente concentrada em poucos países do mundo. Não é verdade que a gente está vivendo um processo de globalização harmônica em que a sociedade vive em maior igualdade de direitos. Na verdade, há uma grande assimetria entre poucos países e poucas pessoas tem acesso a ciência, tecnologia e invocação e uma grande maioria que corre o risco de ficar excluída. Nessa direção, a garantia de atender as necessidades sociais é o outro lado da moeda de você ter uma inserção internacional soberana, a competitividade tem que ser vista dessa forma, não como uma sociedade competitiva e segmentada. Por exemplo, no Brasil, a luta pela competitividade deve ser traduzida para que a gente tenha soberania, para que não sejamos o ator passivo numa ordem global excludente. Então, a competitividade é a base para que a gente tenha o uso de tecnologia e inovação comprometidos com as necessidades sociais

ASFOC • Estamos muito atrasados em relação ao investimento em C&T?

AKIRA HOMMA • Os países desenvolvidos investem muito em Ciência e Desenvolvimento Tecnológico, resultando em um avanço rápido em todas áreas do conhecimento. Além disso, os grandes laboratórios multinacionais também investem somas volumosas em busca de novos produtos. Apenas para ter uma base de comparação: um grande laboratório multinacional investe anualmente cerca de US$ 20 bilhões de dólares em desenvolvimento de novos produtos na área de vacinas. E quanto o governo brasileiro investe no desenvolvimento tecnológico de novas vacinas? Provavelmente, não chega a US$ 10 milhões. Portando, é fácil entender porque sempre estamos dependendo de tecnologias importadas.

ASFOC • Durante muito tempo se acreditou que o desenvolvimento tecnológico seguia necessariamente um encadeamento que tinha sua origem na chamada ciência pura, passando depois pela ciência aplicada, pelo desenvolvimento até se chegar a um produto. É possível inverter a direção do vetor e começar pelo produto?

CARLOS MOREL • A ideia de "encadeamento" (origem na ciência pura e indo até produto) é a base do assim chamado "modelo linear" do desenvolvimento tecnológico proposto em 1945 pelo Vannevar Bush, assessor especial ao Presidente dos EUA, logo após a II Guerra Mundial. E que praticamente virou uma "verdade eterna" na mente de muitos e que pautou durante dezenas de anos as políticas científicas e tecnológicas de vários países, inclusive o nosso.

Aos poucos, diversos governos, organizações e profissionais foram vendo que o mundo é mais complexo que isso e que muitos países que não privilegiavam a pesquisa pura avançavam e ultrapassavam os países que seguiam o dogma do "modelo linear". Exemplos: (a) o sucesso da antiga União Soviética ao lançarem o primeiro satélite artificial da terra, o Sputnik 1 em 1957, na frente dos EUA; (b) o sucesso da indústria japonesa de carros, máquinas fotográficas, etc., que arrebentou os competidores dos países que priorizavam a pesquisa básica (EUA, Alemanha, Inglaterra);

Hoje em dia a ideia central deixou de ser a "pesquisa" (básica ou aplicada) e passou a ser a "inovação", ou seja, toda a cadeia da chamada ciência translacional, que visa transformar o conhecimento em algo útil e de acesso pela sociedade. E, sabemos, que isso pode ser feito de diversas maneiras, da pesquisa pura para o produto, da necessidade (demanda) para a pesquisa, etc.; parte dessa nova visão está no livro "O Quadrante de Pasteur", que pode ser lido como uma introdução a novas visões de desenvolvimento tecnológico. Mas as visões atuais vão além da do Quadrante de Pasteur, pois são muitas as interrelações em P&D&I, e não se pode minimizar o papel de nenhum setor envolvido com inovação - universidades, indústrias, governos - nem do que se chama de "empreendedorismo", que tanto pode ser público ou privado, como a China está demonstrando ao mundo neste momento.

ASFOC • Como o Sr. vê o papel das instituições de Ciência e Tecnologia para o avanço econômico e social do país e de suas regiões?

GARIBALDI GURGEL • Nós estamos vivendo a era da economia do conhecimento, em função disso as instituições de ensino de tecnologia e saúde são prioridade em todos os governos do mundo todo, tanto públicas como privadas, diante desse cenário desse tipo de economia que se articulou nos últimos 20 anos. O setor da saúde movimenta cerca de 10% do PIB mundial. E certamente a Fiocruz tem um papel fundamental por estar inserida neste conjunto de novos campos de aplicação desse conhecimento. Além disso, há muitas possibilidades de desenvolvimento com a participação promissora da Fundação, pois ela faz parte de um enorme complexo produtivo da saúde, vinculado ao SUS.

Vejo como uma questão estratégica de Estado e faz parte de políticas públicas que visam desenvolver o país através de novos produtos, processos e tecnologias e conhecimentos que movimentam os países desenvolvidos. A Fiocruz trabalha há muito tempo numa perspectiva de mudar sua relação com Estado brasileiro, associando a uma possibilidade de projeto desenvolvimentista.

A Fiocruz sempre terá uma inserção importante neste contexto, é bem verdade que essa economia do conhecimento vem sofrendo impactos devido a um conjunto de crises. Mas, existe uma 4º revolução tecnológica que a saúde se insere com a possibilidade de novos conhecimentos digitais, robótica, inteligência artificial pode abrir um novo conjunto de campus de intervenção na área da saúde por parte do Estado. E a Fiocruz faz parte dessa complexa engenharia de produção cientifica que o Brasil hoje apresenta, há muito campo de conhecimento nesta área, e a fundação é promissora.

Intervenção militar: Até onde a vista alcança?

Por Alessandra Monteiro de Castro

Sexta-feira (09/03), fim de expediente, auditório térreo da Ensp – o maior da Fiocruz – e ninguém arreda o pé! No centro das atenções, a especialista em segurança pública, a professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF), Jacqueline Muniz.

Logo depois que o presidente golpista Michel Temer decidiu enviar as forças armadas para o Rio, pós Carnaval, houve uma série de dúvidas e polêmicas a respeito da medida. Para ampliar a discussão, a Asfoc-SN promoveu o debate "Intervenção Militar: até onde a vista alcança?"

Convidou a doutora Jacqueline Muniz para debater com os trabalhadores da Fiocruz. Articulada, de raciocínio rápido, ela falou por mais de três horas. Teve a total atenção da plateia. Ex-coordenadora Setorial de Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos do Rio, em 2002, e ex-diretora da Secretaria de Segurança Pública do Estado, em 1999, Jacqueline é contra a intervenção militar.

Diz que não passa de uma operação teatral, de altíssimo custo e pouquíssima efetividade. "Imagina um tanque posicionado na praia de Copacabana. Aí passa alguém gritando que foi roubado. O que o soldado pode fazer? Atirar com o canhão? Sair correndo atrás? Com todo aquele peso, capacete, roupa de guerra e armamento de quase sete quilos."

Ela tem certeza de que as forças armadas não darão o resultado esperado pela sociedade. "O exército não foi treinado para trabalhar nas comunidades. Os soldados não saberão tomar decisões rápidas e utilizam armamentos muito mais potentes do que o necessário".

Jacqueline ressalta a importância, no momento, da participação e criação de fóruns pertinentes que controlem a ação do Exército. "Tem que haver um controle social. Precisamos estar nos fóruns que estão sendo criados com essa finalidade".

Ela, no entanto, defende o uso da força policial para "mediar conflitos".

Fotos: Mario Cesar

"A Polícia foi criada na democracia para garantir direitos. Atualmente, há uma crise de segurança fabricada para que se tenha que agir com autoridade. Mas tem muita diferença entre agir com autoridade e com autoritarismo".

As soluções, para Jacqueline, são simples e mais baratas do que se imagina. "Basta vontade política de se fazer. Precisamos da construção cotidiana da ordem, pois quem perde o medo de morrer, perde o medo de matar".

Ela cita, como exemplo, a última intervenção militar na Maré. "Ali foram gastos cerca de R$ 350 milhões, sem nenhuma grande apreensão de armas ou drogas. Com 10% deste valor, reestruturo toda a inteligência da Polícia Civil, tendo resultados mais imediatos".

Ao finalizar a professora mostra como a segurança difere de outros direitos sociais, tendo que ser tratado de forma independente. Para a especialista, a questão é urgente: "o que está em jogo é a minha vida, sua vida e a nossa liberdade. "Temos que parar de tratar os acessos aos direitos como privilégios!"

Este evento fez parte da programação alusiva ao Dia Internacional de Luta pelos Direitos da Mulher, promovidos pelo sindicato. A vice-presidente do sindicato, Mychelle Alves, abriu a mesa, convidando todos e todas para assistir o vídeo: "Intervenção federal seria uma farsa?" Em seguida, o diretor e pesquisador Carlos Fidelis Ponte mediou o debate.

Jacqueline encerrou levando a plateia a uma reflexão: até onde existe vontade política de trazer a paz ao Rio? A professora mostrou que a manutenção da violência é benéfica para camadas poderosas da elite política brasileira e finalizou: "No Rio, hoje se governa com o crime e não contra o crime!"

Esporte: Democracia, Integração e Saúde dos Trabalhadores

Fotos: Mario Cesar

Ao chegarem para participar da abertura oficial das atividades esportivas no campo de futebol da Asfoc-SN este ano, os trabalhadores da Fiocruz se viram contemplados com as melhorias do sistema de irrigação do gramado, ampla manutenção dos vestiários e alterações na identidade visual do local.

Destaque também para o banner que cobre os bancos de reserva, com fotos de inúmeras atividades oferecidas pelo Sindicato e a frase que resume o foco da direção para o esporte: "Democracia, Integração e Saúde dos Trabalhadores".

A Asfoc seguirá promovendo ações que visam a qualidade de vida, a saúde, e por melhorias das condições de trabalho.

Veja abaixo a grade completa do Sindicato. Para a prática esportiva é necessário estar com o atestado médico e a mensalidade de sócio em dia – musculação, ginástica, tênis, muay thai, boxe, jiu-jítsu, pilates, RPG, ioga e massagem têm valores adicionais. Em todas as modalidades há profissionais capacitados para orientação dos associados.

Grade de Esportes Asfoc-SN

FUTEBOL
Campus: terças e quintas, das 12h às 13h e 17h* *(*terças apenas para Master – acima de 35 anos)*

GINÁSTICA
Campus: diariamente, das 12h às 13h
Expansão: segundas, quartas e sextas, das 12h às 13h e das 13h às 14h

MUSCULAÇÃO
Campus: diariamente, das 6h às 9h, das 11h às 14h e das 15h30 às 19h30
CTM-Far: diariamente, das 11h às 14h e das 17h às 19h
IFF: diariamente, das 11h às 14h e das 15h às 17h30
Expansão: diariamente, das 7h às 9h; 11h às 14h e 16h às 19h

FUTSAL
Campus: quartas e quintas, das 17h às 19h30 e sextas, de 12h às 13h
Expansão: quartas e sextas, das 17h às 19h

FUTEVÔLEI
Campus: segundas, quartas e sextas, das 12h às 13h

VÔLEI DE QUADRA
Campus: segundas, terças e quintas, das 12h às 13h, e às segundas, das 17h às 19h30, na quadra
Expansão: quintas, das 17h às 19h

BASQUETE
Campus: quartas, das 12h às 13h

TÊNIS
(Professor Thiago - 98887-3757)
Campus: dia e horário a combinar
Expansão: terças, das 17h às 19h

MUAY THAI
Campus: segundas, quartas e sextas, das 11h às 12h *(Professor Leonardo Vasconcelos - Contato: 98375-0285)*

CORRIDA
(TREINAMENTO)
Campus: terças e quintas, das 7h às 9h

JIU-JÍTSU
CTM-Far: segundas, quartas e sextas, das 11h30 às 12h30
Campus: segundas, terças e quintas, das 11h às 12h

KRAV-MAGÁ
(Professor André Barone - 97993-7788)
Campus: terças e quintas, das 11h às 12h

DANCE MIX
CTM-Far: terças e quintas, das 11h às 12h

Atividades extras

PILATES
Alice Soares Marins – 99948-2718
Campus: segundas e quartas, das 8h às 9h (quadra); terças e quintas, das 8h às 10h e das 16h às 18h (quadra)
Expansão: terças e quintas, das 11h às 13h
Obs: Também para gestantes.

RPG
(Alice Soares Marins – 99948-2718)
Expansão: dia e horário a combinar

IOGA
(José Maria – Contato: 99587-8488)
Campus: terças e quintas, das 13h às 14h
IFF: 11h às 12h

MASSAGEM
(Tatiana Santana - 99756-6308/96464-4186)
Campus: segundas, quartas (sede da Asfoc) e sextas (quadra), das 9h às 17h
Expansão: terças, das 9h às 17h
IFF: quintas, 9h às 17h

ACUPUNTURA
Campus: quartas, das 9h às 17h
(Karla: 96424-4194)

DANÇA DE SALÃO
(Valdo Ferreira: 98301-5107)
Expansão: terças e quintas, das 13h30 às 14h30
Campus: terças, quartas e sextas, das 11h às 13h

CAMPANHA - A Asfoc-SN e a Presidência da Fiocruz apoiaram a campanha organizada pelo coletivo de moradores SOS Manguinhos em solidariedade às vítimas da forte chuva que atingiu, na madrugada do dia 15 de fevereiro, os moradores da região e outras comunidades próximas. As caixas de coleta para doação de alimentos não perecíveis e outros itens de necessidade básica ficaram disponíveis no térreo de cada Unidade da Fundação.

Carnaval de protestos contra a Reforma da Previdência e a violência

O Discípulos de Oswaldo fez sucesso com os apelos contra a Reforma da Previdência, o descaso do governo, a violência urbana no Rio de Janeiro e pelos direitos sociais durante o desfile do Bloco, no dia 7 de fevereiro, nas ruas do Amorim, comunidade vizinha à Fiocruz.

Com o samba-enredo "Fiocruz, Patrimônio do Povo Brasileiro, Cidadela em Defesa do SUS, da Ciência e da Tecnologia", os foliões entoaram o refrão do Bloco "A Fiocruz está no seu DNA" e mostraram faixas e cartazes para protestar e defender o SUS e a Saúde Pública como: "Tira a mão da minha Previdência!"; "O futuro do país está na Ciência e Tecnologia"; "Igualdade e inclusão, acesso universal". O desfile deste ano destacou ainda uma homenagem ao Castelo Mourisco, que completou 100 anos, e é candidato a Patrimônio Cultural Mundial.

Um momento emocionante marcou o fim do desfile, quando foliões e moradores da comunidade que acompanhavam o Bloco fizeram um minuto de silêncio. "Defendemos a democracia na íntegra e os direitos da população. O silêncio é nosso protesto contra o descaso do governo do Estado e uma homenagem às inúmeras vítimas da violência e suas famílias. Queremos paz, justiça e cidadania!", destacou o presidente da Asfoc-SN, Paulo Garrido.

A presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima, falou sobre a importância da luta pela paz. "Vivemos dias muito difíceis. Quero parabenizar a Asfoc pela nota em defesa da justiça, paz e cidadania (divulgada em 6 de fevereiro, dia em que mais um episódio de violência assustou os trabalhadores da Fiocruz e atingiu os moradores da região). Que o nosso Carnaval seja também um momento para gritarmos em defesa da justiça e da saúde dos brasileiros!".

Fotos: Armando Paiva

A presidente da Associação de Moradores de Manguinhos, Simone Quintela, fez uma homenagem ao Sindicato. "É com muito prazer e honra que a gente agradece. A comunidade é grata por esse evento maravilhoso".

Emocionante também foi o discurso do autor do samba do Discípulos, o servidor aposentado da Fiocruz, o médico Pedro Jonathas, que fez uma defesa intransigente pelo fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), e a coroação como rainha do Bloco da jovem Ana Beatriz, moradora do Amorim e passista do Discípulos há 10 anos. Assim como aconteceu no desfile do Discípulos de Oswaldo, os trabalhadores da Fiocruz levaram as bandeiras contra a Reforma da Previdência e em defesa da Saúde e do SUS aos principais blocos de Carnaval do Rio de Janeiro (Bloco de Segunda, Cordão do Prata Preta, Comuna Que Pariu, Barangal, Uma Zona Só, entre outros).

"Mesmo na folia, não esquecemos nossas lutas. Aproveitamos a visibilidade dos blocos para ampliar a mobilização e o conhecimento da população sobre os ataques aos direitos dos trabalhadores", afirmou Paulinho.

As faixas produzidas pela Asfoc-SN estiveram presentes em diversos blocos de carnaval e até em Escolas de Samba. Na Mangueira, com transmissão ao vivo para o resto do mundo, foi possível ver, no alto de um carro alegórico, a seguinte mensagem do Sindicato: "As pragas que assolam o Rio: Febre Amarela, Temer, Pezão e Crivella". O "Fora Temer", inclusive, ecoou nas ruas e avenidas durante a folia por todo o Brasil.